

GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador — SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os snrs. assi gnantes tem 25 por cento de abatimento. Redacção — Rua dos Caldeiros, n.º 250 — Porto

ANGEJA, 14 DE DEZEMBRO DE 1887

SUMMARIO

Subscripção.
Escolas praticas de agricultura.
Collegiadas.
Escola Medica de Lisboa.
Noticiario.

SCIENCIAS E LETTRAS

Efeitos da manhã — *Guilherme Gama.*
Nocturno (soneto) — *Eugenio de Castro.*
Recordações — *Hené Maizeroy.*
Allucinação — *Adriano Shetochte Vasconcellos.*
Uma historia de amor — *A. N.*

SUBSCRIÇÃO

A redacção d'este jornal resolvendo tomar a iniciativa da compra de candieiros para a iluminação publica de Angeja cuja falta se revela constantemente por actos inconvenientes e muitas vezes funestos, appella para o patriotismo dos filhos da nossa terra, residentes quer no Brazil quer em Lisboa, ou mesmo em Angeja, afim de que subscrivam para este melhoramento com a quantia que seja permittido ás forças de cada um.

Subscriptores:

A Redacção	4\$500	reis
Manoel Armenio Rodrigues .	9\$000	»
Manoel Nogueira da Silva .	2\$500	»
Caetano Pereira de Souza .	4\$300	»
Lucas Gomes da Silva Reis .	2\$250	»
Dr. Augusto de Castro .	4\$500	»
Dr. Antonio Augusto Nogueira Souto	4\$500	»
Francisco Antonio Nogueira Souto	2\$500	»
Manoel Teixeira	4\$500	»
Joaquim Valente	4\$500	»
João Rodrigues Caetano .	1\$500	»

ESCOLAS PRATICAS DE AGRICULTURA

Vão sendo uma realidade as escolas praticas de agricultura, mandadas crear pelo decreto com força de lei de 2 de dezembro de 1886, e mais uma vez terão tido um formal desmentimento as apprehensões e ás duvidas, adrede propaladas por aquelles que, sonhando com o optimo, ou fingindo aspirar a elle, desdenham do que, em boa consciencia e patriótica dedicação, é levado a effeito, prudente e proficua mente, por um ministro energico que, orientado nas modernas e instantas reclamações da agricultura nacional, sem alarde nem apparatusa jactancia, vae cum-

prindo, serena e persistentemente, o programma que, ao sobraçar a pasta desde logo traçou na mais elevada comprehensão dos seus deveres de homem publico.

Satisfeita a mais impreterivel necessidade da agricultura portugueza, qual era a creação d'uma direcção geral, que centralisasse e desse uniformidade aos serviços agricolas, que corriam desconexos e malbaratados, e, peor do que isso, completamente desacreditados na opinião publica, pôde dizer-se, sem receio de exaggero, que nem um só dia ha decorrido, desde esse momento, sem que aquelle ministro deixasse de afirmar, por meio de factos eloquentes, o seu louvavel proposito de aproveitar e utilizar aquella instituição official em beneficio immediato e real da causa agricola, de que ha sido apostolo benemerito e fervoroso.

A pouco trecho de crear as estações chimico-agricolas, a primeira de todas as necessidades do agricultor que deseje cultivar com intelligencia e sã criterio, aproveitando discretamente as materias fertilisantes, que, enriquecendo o solo, augmentam a colheita, entendem o talentoso ministro que lhe cumpria não deixar simplesmente esboçada a ideia e encarecida a excellencia d'ella em diplomas, que não raro só tem servido, em materia agricola, para atafulhar os archivos das secretarias, mas tornal-as praticamente uteis e conscienciosamente proveitosas ás legitimas exigencias dos lavradores. E assim é, que vão já ser abertas ao serviço publico tres d'essas estações, installadas segundo as indicações da sciencia e as circumstancias locais, e n'ellas funcção delegados technicos previamente exercitados na pratica das analyses, adquiridas em longos mezes d'um trabalho assiduo e bem dirigido. Dentro em pouco, segundo ouvimos, ficarão tambem installadas as restantes, para o que se acham já em Lisboa, praticando no laboratorio do instituto de agronomia, alguns agronomos e preparadores, sob a direcção e fiscalisação do respectivo inspector dos serviços chimico-agricolas.

Formam o complemento das instituições officiaes, creadas nas regiões agronomicas em que o paiz se acha dividido, as escolas praticas da agricultura, modestas instituições do ensino agricola, incumbidas de educar a população dos campos, habilitando operarios ruraes e mestres de diversos officios agricolas, de modo a bem poderem servir na região respectiva, lavrando a terra e cultivando-a, sem empirismo ou ao acaso, mas com acerto, orientados nos modernos processos de agricultura e com segura confiança n'elles.

As escolas praticas de agricultura de Coimbra, Vizeu e Faro, perfeitamente adequadas á indole e necessidade da agricultura regional, e cujas organizações o «Diario» publicou, são a nosso ver a expressão exacta do pensamento, que presidiu ao decretamento, em dezembro do anno proximo findo, de taes instituições, que não aspiram a academias, ou nichos de sabios e pretenciosos, mas a serem institutos modestos, aos quaes devem acolher-se os filhos de gente agraria, que desejem honrar a tradição da familia, multiplicando digna e intelligentemente os seus haveres, pelo cuidado do tratamento e cultivo das suas terras e melhor aproveitamento dos productos colhidos, sem aspirarem a academicos ou a enfeitarem-se com titulos

espavorosos, que tanto lisongeiavam a vaidade de espiritos mal orientados, e tanto teem contribuido para a depressão da industria em Portugal, mas com o fito de estudarem a pratica das coisas agricolas, e de serem bons feitores das suas propriedades e discretos abegões ou dirigentes das suas lavouras.

Prosiga o nobre ministro n'esta cruzada, que tanto tem enaltecido o seu nome, proferido já com entusiasmo e fé pelos agricultores portuguezes, e apoz a installação das escolas já decretadas, não se esqueça de que ha ainda muito que cuidar no sentido de levantar a agricultura, a industria por excellencia entre nós, tão abatida e, pode dizer-se, tão villipendiada nos ultimos tempos.

COLLEGIADAS

II

As collegiadas são na maior parte anteriores á monarchia; e não só por isso como pelo esplendor a que attingiram em outro tempo, deviam merecer mais contemplação da parte dos poderes publicos: em vez de serem extinctas, deviam ser reorganizadas e dotadas convenientemente por que com toda a justiça deviam ser consideradas como um padrão de antiguidade.

Não succedeu assim. Feridas profundamente pelos acontecimentos politicos de 1832 e 1833, ficaram muito reduzidos os meios da sua sustentação, e tristemente viveram durante 15 annos. Em 1848 vendo o governo o estado precario d'algumas que mal podiam satisfazer ao fim a que eram destinadas, obteve do poder legislativo a lei de 16 de junho do mesmo anno, pela qual foram extinctas todas aquellas, cujo rendimento não podesse satisfazer a congrua de 80\$000 a cada um dos conegos.

O espolio das extinctas foi applicado á sustentação dos respectivos seminarios, aproveitando-se e applicando-se devidamente, e não se desperdiçando felizmente esses bens, como havia succedido aos dos frades. Eram passados 15 annos depois da tormenta politica, e porisso já havia juizo nos nossos homens publicos.

As que d'esta lei escaparam foram as de Valença, Barcellos, Guimarães, Cedofeita, Santarem e Coruche, cujos rendimentos eram mais valiosos do que se imaginava. Não se reformaram então os quadros de cada uma d'ellas, provendo-se as suas cadeiras a capricho, mas ainda assim não se excedendo o numero que os seus vencimentos comportavam. Sómente mais tarde as de Valença e Barcellos obtiveram a reforma dos seus estatutos, onde foram fixados os seus quadros.

Pelas leis da desamortisação e especialmente pela de 28 d'agosto de 1869 começou o rendimento a diminuir-lhes consideravelmente, attenta a redução a que os seus fóros e laudemios estão sujeitos na praça. Quando nos jornaes o Clero Portuguez e a «Palavra» tratei da dotação do clero, apresentei as razões porque as arre ntações se faziam pelo mesmo preço permittido na lei, e apuntei os factos, que para evitar repetições agora não reproduzo.

Finalmente o decreto com força de lei de 1 de dezembro de 1869 feriu-as mortalmente. Decretou-se pelo artigo 6.º que não fossem providas as cadeiras vagas: pelo 8.º que os actuaes conegos fossem collocados em logares iguaes ou superiores: pelos 1.º e 7.º que o rendimento das cadeiras vagas fosse destinado á sustentação do culto e do clero, e vagas todas ellas ficasse a sua administração a cargo do governo.

São estas as suas principaes providencias, mais ou menos explicitas. E d'ellas se conclue logicamente que a ideia predominante no ministro que refreudou o decreto fôra—1.º, que as collegiadas pela falta de meios e do preciso pessoal não podiam satisfazer ao fim religioso; 2.º que o seu rendimento era bem applicado ao clero, visto ser geralmente reclamada a sua dotação, e o estado não poder dispor de meios proprios para a decretar; e 3.º, que, para com mais brevidade se conseguir este fim, fossem os actuaes conegos transferidos para outros beneficios sem prejuizo d'elles.

Estes beneficios não podem ser outros senão os dos cabidos das cathedraes, pois sendo considerado o alto clero sómente o dos bispados, cabidos das cathedraes, e o das collegiadas, seria loucura considerar essa transferencia ou promoção para os bispados, a não ser a algum privilegiado da fortuna.

Decretada a extinção, era consequente que se seguisse a execução. O grande mal não se podia evitar, dever-se-hia pelo menos evitar outros que necessariamente se seguiam, como era o de diminuir o numero de conegos em cada uma d'ellas, e dentro em pouco tempo ser pouco decente o culto ali exercido, pois nem mesmo se poderiam rezar os officios divinos. E é isto o que se está já observando em algumas. Com este estado de cousas desmerece o culto, e os poucos conegos existentes vivem tristes e amargurados por sómente poderem satisfazer a algum dos actos do culto a que são obrigados, e faltarem a outros que bem precisos são para o esplendor da religião.

Mas os nossos governos procedem todos do mesmo modo quando se trata de negocios relativos á religião e á igreja: para destruir estão sempre dispostos, para melhorar ou remediar é difficil demovel-os. O ministro que refreudou o decreto da extinção, creio-o bem, fê-lo na melhor intenção: destruiu, é verdade, mas tinha em vista satisfazer a uma grande necessidade; e deve-me tamanho conceito, que estou convencido de que se não cahisse o ministerio de que fazia parte, chegava a completar a sua obra, e a ver satisfeitos os seus desejos.

Elle conhecia bem o valor dos bens das collegiadas, assim como o dos cabidos das cathedraes; e sabia que o rendimento daquellas era approximadamente de reis 40:000\$000, e o d'estes de 60:000\$000 reis, assim como conhecia a lei de 4 de abril de 1861, em que colaborou, na qual se determinou que o producto dos conventos fosse applicado ás exigencias do culto e do clero; e sabia que este já é de reis 2.724:750\$000 reis em inscripções, e o seu rendimento annual de 81.742\$500 reis, e que o valor dos conventos das freiras ainda não desamortizados orça por 5.469:417\$300 reis, e o seu rendimento annual por 187.936\$290 reis.

Calculara pois que o rendimento das collegiadas e dos cabidos das cathedraes era talvez sufficiente para satisfazer a dotação d'estes, depois de reorganizados, como se tornava preciso, mas quando não fosse, tinha para sua segurança o rendimento dos conventos desamortizados e a desamortisar, onde podia ir buscar a quantia que por ventura lhe faltasse. E que tencionava logo depois proceder a essa reforma ou reorganização, se vê claramente do seu anterior decreto de 12 de novembro do mesmo anno, pelo qual prohibira o provimento das cadeiras vagas nos cabidos das cathedraes, em quanto se não reformassem os seus quadros.

E' visto que tomou estas duas medidas, por assim dizer transitorias, como base para a medida geral que tencionava apresentar. Para isso restava-lhe somente estudar a organização dos cabidos para conhecer o numero de conegos que devia estabelecer em cada um d'elles, trabalho que lhe não devia ser difficil, attento o auxilio valioso que decerto lhe prestavam os prelados.

Bastante fez este intelligente, trabalhador e honrado ministro no pouco tempo que geriu a pasta da justiça e ecclesiasticos; e pena foi que a não gerisse por mais annos, com o que muito teria lucrado o clero, pois com certeza teriamos já a dotação do alto clero, e talvez mesmo a do clero parochial.

ESCOLA MEDICA DE LISBOA

Os alumnos d'esta escola dirigiram-se no dia 3 do corrente ao sr. ministro do reino com o fim de pedir-lhe providencias immediatas tendentes a evitar as desgraças que a derrocada eminente do edificio da mesma escola pode ocasionar.

Motivaram esta resolução as fendas que ultimamente se abriram na parte sul d'este edificio a unica em que funcionavam as aulas, pois que a ala norte, já desde o anno passado foi declarada incapaz de qualquer serviço, pelos architectos que lá foram enviados pelo sr. ministro das obras publicas.

Não ha pessoa alguma que não tendo visto este edificio acredite no estado em que elle se acha.

A espessa camada de lodo que o cobre interiormente, as largas fendas que o sulcam em quasi todas as direcções, dão-lhe o aspecto sombrio das mansões deshabitadas ha muitos annos.

Se da analyse do exterior passamos á do interior, vemos um pequeno numero de compartimentos acanhados, cujos pavimentos são constituídos por taboas meias pódres, e cujo tecto, cheio de fendas inspira pouca confiança aos que tem necessidade de lá entrar.

Não exageramos. Todas as pessoas que lá forem hão de observar isto mesmo.

E no entanto, custa a dizel-o, é este o edificio onde está alojado um dos nossos cursos superiores, e na capital! E' n'este edificio que existem objectos de grande valor, como são algumas peças de anatomia pathologica, bem como outros de menos, mas que ainda valem alguma coisa!

E' finalmente n'esta ratoeira, n'este barracão mal armado, que se obriga a mocidade estudiosa a permanecer largas horas, com a espada de Damocles suspensa sobre as suas cabeças!

Já ha muitos annos que o conselho d'esta escola pede instantemente ao governo um edificio que esteja em harmonia com este curso superior, e de mais a mais estabelecido na capital do reino; mas o governo tem infelizmente desattendido este pedido, aliás justissimo, limitando a concertos superficiaes — se tal nome se lhe pode dar, que se assemelham aos palliativos que se empregam n'uma doença incuravel.

E a razão é muito simples: E' porque quem torto nasce, tarde ou nunca se indireita. Ora este edificio não foi construido para este fim, e portanto só por uma adaptação forçada passou a servir de edificio para esta escola. Mecheram, remecharam mas nunca conseguiram nada com etigo.

Na ultima sessão do conselho escolar, convocado para accorder no melhor meio de evitar desastres que porventura possa ocasionar um desabamento, parece ter havido divergencias entre o director da escola e o conselho, que motivaram a demissão dada pelo lente secretario, Bettencourt Raposo, d'este cargo. O sr. Thomaz de Carvalho, director, tambem pediu a sua demissão.

Parece comtudo que nada se resolveu de definitivo e apenas nos ultimos dias tem algumas aulas funcioando n'uns cubiculos sujos e infectos pertencentes á casa das dessecções!!! As outras continuam a funcionar na *ratoeira* com imminente risco de vida d'aquelles que as frequentam!!!

E' vergonhoso para os governos e para o paiz este triste espectáculo!

E' increditavel que a capital do nosso reino tenha a sua escola de medicina n'um pardieiro mais sujo e menos seguro do que qualquer barracão de feira e que nos expõe aos sarcasmos e desprezo dos estrangeiros que nos visitem ou saibam de taes miserias!

Esta ratoeira lá para o interior d'África ainda seria toleravel, mas n'um paiz culto, é um ultrage á sua sociedade.

E' preciso, porém, dizer que se os nossos governos tem descurado tanto este assumpto, não é pela sua falta de vontade; mas (estamos convencidos d'isso) porque não tem tido pleno conhecimento do estado em que se encontra o citado barracão. Não podemos acreditar que os governos que fazem um esplendido edificio para o instituto agrícola, que introduzem grandes melhoramentos no instituto industrial, que criam innumeradas cadeiras em ambos elles, que augmentam os ordenados aos professores, não attendessem a esta, de ha muito, urgente necessidade, se soubessem o estado em que se encontra a *ratoeira* de que nos estamos occupando.

Mas é tempo de acudir a este estado de coisas; os jornaes tem-se occupado d'este assumpto, e por isso será indesculpavel o adiamto da construcção de um edificio que tão urgentemente é reclamado.

E' de esperar que o sr. ministro do reino attenda a esta importante obra, dando-lhe a unica solução possivel, que já apontamos, e mandando ao mesmo tempo transferir as aulas para logar adequado como os objectos importantes que existem n'aquella.

Noticiario

Cemiterio de Angeja.—Até que emfim a junta de parochia, depois de lhe dizermos quatro verdades, depois de o reverendo prior tomar uma attitude enérgica e o governador civil aqui vir duas vezes para cortar todas as difficuldades que impediam a construcção do cemiterio, houve por bem acordar e por-se a caminho ainda a esfregar os olhos, tratando agora do cemiterio. Ora oxalá não desmaie ou não torpece no meio da estrada, abstruindo assim o caminho a quem quizer passar. Ande, ande, que n'isso faz a sua obrigação.

Não perca mais tempo com caturrices e zangas porque isso pouco nos importa e pode acarretar serias consequencias.

Já sabe que em nós não encontra absolvição para qualquer falta ou descuido quer goste quer não, assim como procedendo bem não lhe regatearemos os nossos louvores.

Estação telegrapho-postal em Angeja.—Este facto despertou da parte do nosso collega «A Voz d'Estarreja» uns reparos que mais indicam um leve sentimento de inveja pelos melhoramentos que vae adquirindo a Angeja, que puros intuitos de esclarecer a opinião publica ácerca de necessidades importantes.

O collega não ignora certamente (porque já aqui o dissemos por duas vezes) que aquella linha telegraphica não tem só por fim satisfazer ás exigencias d'Angeja, mas principalmente ligar Aveiro directamente com as terras principaes do nosso districto, o que até aqui não acontecia.

Aveiro é interessada n'esta linha telegraphica e a propria camara d'Albergaria representou n'este sentido.

O collega não ignora isto e portanto quando formulou os seus reparos já sabia perfeitamente que elles eram destituídos de fundamento e que tinham exclusivamente por fim fazer allusões de que sempre lança mão quem anda divorciado da verdade.

Subsidio.—O sr. cardeal-bispo do Porto acaba de conceder 405000 reis do dinheiro da Bulla da Cruzada para a Igreja de Angeja a pedido do sr. dr. Augusto de Castro. E' pequena a quantia, mas o desejo que o sr. D. Americo tinha de beneficiar varias igrejas não permittiu que coubesse maior quantia a cada uma.

Em todo o caso não é quantia de desperdiçar e vem mais uma vez provar que o sr. dr. Augusto de Castro nunca perde o ensejo de promover o andamento das coisas em Angeja.

Transferencia.—Foi transferido da Horta para Faro, o aspirante de Fazenda, sr. Antonio Nogueira Simões e Silva, de Angeja.

Estimamol-o sinceramente.

Padre Galeote.—A academia de medicina de Madrid classificou de loucura o estado do padre Galeote, ficando d'accorde com o diagnostico da commissão especial que deu á doença o nome de *paranoia persecutoria*.

O infeliz presbytero vae ser recolhido no hospital de Leganés.

O «Academico».—Reappareceu esta excellente revista semanal, litteraria e artistica.

São seus proprietarios os snrs. J. Pimentel e E. Lopes; e redactores os snrs. Beldiabo, João Violeta e Child Harold.

Assigna-se na rua da Boa-Hora, n.º 36.—Porto.

Novo Almanach Portuense.—Recebemos e agradecemos o «Novo Almanach Portuense» illustrado com os retratos das principaes notabilidades litterarias. A parte litteraria é excellente.

Este almanach tem direito a ser preferido, já porque o seu preço é o mais modico d'entre todos os livros d'este genero, já porque o seu merito não é inferior aos que se publicam.

O seu director é o sr. Daniel d'Abreu Junior, illustre redactor da «Gazeta Moderna» aonde se assigna.

Recommendamos o annuncio.

Morte do maestro Panofka.—Falleceu em Carloruke o maestro Henrique Panofka, celebre como professor de canto. Residiu durante vinte annos em Florença, tendo estado em Milão. Nasceu em 1807 e começou aos 10 annos a sua carreira como concertista de violino. Esteve em Vienna, em Londres e em Paris.

Publicou uma obra, «l'art de Chanter», que está traduzida em todas as linguas. Em Florença, onde era notabilissimo, estudaram sob a sua direcção muitas celebidades theatraes italianas e estrangeiras.

Trespasso.—Succumbiu em Lisboa, a uma pneumonia, uma creança encantadora, um filhinho do illustre lente da Universidade sr. dr. Bernardino Machado, a quem damos os sentidos pezames.

Governador civil do Porto.—Foi, finalmente, nomeado governador civil do Porto, o bacharel Costa e Almeida.

Terramotos na Italia.—Os tremores de terra que se fizeram sentir na provincia de Cosenza (Italia) causaram grandes estragos.

As localidades que mais soffreram são: Bisignano, Baola, San-Marco, Argentano, Rogiano e Gravina.

Em Bisignano abriram quasi todas as casas.

O cura da freguezia morreu esmagado por uma parede.

Um soldado, que conseguiram retirar vivo d'entre os escombros, enlongueceu. Já foram exhumados 31 cadaveres. Estão sem asylo 4:000 pessoas.

O numero de victimas seria muito maior, se a população não sabbisse das casas aos primeiros abalos.

Congresso hidrologico.—Nos ultimos dias de fevereiro proximo, celebrar-se-ha em Madrid um congresso hidrologico para tratar de problemas scientificos relacionados com a hidrologia medica, hidroterapia, climatologia e aeroterapia.

Edison.—Mr. Edison apresentou ao chefe do almirantado da Republica Nova-Americana um novo systema de signaes electricos, obtidos pela projecção sobre as nuvens de raios luminosos mais ou menos prolongados. Segundo este systema podem fazer-se communicações a mais de 20 kilometros.

Carnot e os orientaes.—O cheik Abbon Naddara, decano dos escriptores orientaes residentes em Paris, escrevendo largamente no seu jornal ácerca da eleição do presidente da republica franceza, demonstra como ella hade ser bem acceite das colonias arabes pertencentes á França. D'esse curiosissimo artigo tomamos o seguinte trecho:

«O seu duplo nome sóa agradavelmente aos ouvidos arabes.

Sadi significa felicidade, ventura, prazer; Carnot significa do seculo.

Muito naturalmente, as duas palavras interpretam-se:

Sadi Carnot, a felicidade do seu seculo.

O principe Frederico.—A côrte de Vienna recebeu da de Berlim noticias officiaes, confirmando as melhoras do principe imperial da Allemanha. Os despachos dos jornaes francezes são accordes nas melhoras do principe, cuja voz, se torna mais intelligivel.

Governacão publica.—Portugal, incluindo as ilhas adjacentes, governa-se administrativamente, judicial, ecclesiastica e militarmente: para isso ha 21 districtos, 295 concelhos, 173 comarcas, 14 bispos, e 5 divisões militares, e por consequente igual numero do governadores civis, administradores de concelho, juizes, bispos, e generaes.

Aveiro.—O districto administrativo d'Aveiro tem 16 concelhos, 180 freguezias, 65:525 fogos, e 27:940 almas, sendo 125:585 do sexo masculino, e 145:355 do feminino.

Parochias e população.—No reino e ilhas ha 3.971 freguezias, 1.132:773 fogos, e 4.745:124 almas, sendo 2.314:623 do sexo masculino, e 2.430:501 do feminino. São 217 as freguezias de mais de 800 fogos; 586 as de 400 a 800, 1.102 as de 200 a 400; 1.293 as de 100 a 200; 672 as de 50 a 100; e 101 as de 1 a 50 fogos.

Um drama n'uma torre.—O «Diario», de Cordova, falla d'um misterioso acontecimento de que é heroe um medico inglez, o sr. Middleton, recentemente chegado áquella cidade, com tres compatriotas seus.

Um d'estes dias, quando se dirigia ao correio, o sr. Middleton encontrou-se com um bohemio, que se lhe offereceu para servir de guia n'uma visita á torre da Cathedral.

O medico aceitou o offerecimento e alguns instantes depois de ter subido á torre, acompanhado do guia, ouviram-se alguns tiros. O inglez desceu pouco depois precipitadamente, com o fato coberto de sangue. Dirigiu-se logo ao consulado de Inglaterra e contou que o seu guia tentara roubar-o e se atirava sobre elle para o deitar ao chão, e que elle, Middleton, puxara do revolver e disparara alguns tiros sobre o assaltante.

O guia foi encontrado morto alto da torre. A policia hespanhola abriu um inquerito, estando o doutor Middleton em estado de prisão.

SCIENCIAS E LETRAS

RECORDAÇÕES

EFFECTOS DE MANHÃ

MEMORIAS D'UM MARIDO

(Conclusão)

Tambem a amei, e foi assim como se lhe mandasse um ramo de odoríferas violetas e ella me tornasse um ramo de cardos secos.

Não dormi n'essa noite e não foi assistir ao casamento. O meu coração era bem triste. Mas, na larga varanda em casa d'ella, esperei que voltassem da igreja, com a irmãsita sentada nos joelhos—cabeça em anéis doirados, escondida em lenço enorme de seda, muito clara, que se embiucava na frente e lhe deixava, lá ao fundo, a carita risonha e maliciosa.

Era á hora em que os passaros acordam. Manhã tepida.

Por traz do monte subia um alegre clarão ruborizado, fazendo destacar o moinho em pé, no cimo, e lendario como um castello rhenano.

A pequenita ria-se e fallava muito. No entanto, á lua côr d'ouro que, acolá, tocava um cume de choupana e, lá para além, os altos de um pinheiro, tudo se ia recortando docemente—casas brancas, medas altas, uma rapariga com um cantaro á cabeça, três bois caminhando em fila, devagar, á ponte em arco, campos verdes de linho, o barco amarrado á margem balouçando-se...

Oh! como o meu coração estava triste! De repente, perguntou-me porque eu não fóra á igreja. Se a tivesse visto, a noiva!

E, ageitando-se melhor nos meus joelhos, começou a contar-me, a desenhar-me minudamente tudo:—o elegante feição da camisa em rendas, aberta sobre o collo e apertada por fitas côr de creme; as meias; o justo collete de setim escuro; as saias de ricos entremeios; o lenço de Malines, vaporoso; o vestido de cauda muito longa; a grinalda de flores de laranja, presa por um brilhante aos cabellos. Depois a mamã deu-lhe um beijo, ella deu-lhe outro. Que pena que eu a não visse então a sorrir-se por traz de duas lagrimas, coradinha um pouco e um pouco tremula. (Que linda! Porque não foi? diga.)

E ficou-me a olhar, lá do fundo do seu lenço de seda, os olhos risonhos e vivos, a boquilha arqueada, cspirando.

Então tomei-lhe o queixo entre os dois dedos e, beijando-a, disse-lhe tristemente: —Olha, tambem tu, quando fores grande, tornarás um ramo de cardos secos a quem te der um ramo de odoríferas violetas?

Olhou-me maliciosa e poz-se a rir muito, muito, um riso infantil, crystalino, interminavel. como se lhe eu tivesse feito cocegas...

Guilherme Gama.

NOCTURNO

Seis horas da manhã... Abandonado No meu pequeno quarto d'estudante, Tenho passado a noite, ó minha Amante, A scismar no teu rosto desmaiado.

Cheio d'um grande amor, d'istante a instante Beijo o teu lenço fino e perfumado Onde presinto o aroma delicado Da tua linda bocca chilreante.

E' já quasi manhã... A lua inquieta Agonisa n'um ceu côr de violeta Onde já brilha a luz da madrugada...

Os astros morrem pallidos, dispersos... E eu estou escrevendo quatorze versos, Pensando em ti, ó minha doce Amada!

Eugenio de Castro.

Era a sua phrase habitual, como que o —amen— das suas interminaveis e inuteis lastimas. Parece que ainda estou a vêr aquelle gesto que a fazia estremecer dos pés até á cabeça, aquelle agitar de braço no ar, que similhava o tremer da aza de uma ave ferida de morte, d'esse braço que depois ia cahir sem força, ao longo do quadril emmagrecido.

Sentia por ella uma affeição absoluta, despotica, instinctiva, assim como de cria que segue o aroma do leite, que lhe deu vida. Não conseguia adormecer se a não via assentada ao meu lado, com a minha mão entre as suas. Só com uma palavra, sem uma reprehensão, sem uma ameaça, apasiguava as minhas birras de creança, e não havia benitos que eu não largasse, brincadeira que eu não pozesse de parte, para lhe saltar para o collo, abraçá-la, regalar-me no aconchego das suas festas cheias de meiguice, enquanto que lentamente, no encanto da sua voz de mulher, me ia contando historias maravilhosas de fadas e príncezas.

Estavamos quasi sempre juntos e sentia uma dôr immensa, chorava devagarinho pela callada da noite, quando acontecia ella ir a algum baile. Sentia a impressão lancinante da parte do seu coração que n'esses momentos me roubavam, e depois tinha medo de a não tornar a vêr, receiava que não voltasse.

Mal conhecia meu pae. Mais estreito de hombros, menos crestado com menos arrogancia nas feições; era comtudo muito parecido com o rude guerreiro do Imperio.

De longe a longe fazia-me uma festa a escapar, breve e fria caricia de quem está a pensar n'outra coisa. Jogava. Ainda hoje no club se falla das suas proezas, da sua sorte estupenda. Tinha varias amantes a um tempo, por *chic*, como se teem uns poucos de cavallos na cavallariça.

Depois da sua morte, encontrei nos seus papeis centenas de cartas d'essas figuronas e a correspondencia apaixonada d'uma amiga de minha mãe, que soffreu egual martyrio pelo egoismo implacavel d'esse homem e do seu desdenhoso desprezo pelo amor.

la crescendo e augmentava de tal fórma a minha sensibilidade, que minha mãe chegou a sobresaltar-se.

—Dá-me cuidado esta creança com esta sensibilidade, tenho receio que se venha a parecer commigo, que ame demais quando conhecer o amor!

Ficava amuado como se ella me houvesse castigado, quando no parque Manceau, ou em casa de algumas das suas amigas, a via beijar outras creanças, e dirigia um cumprimento banal á ama ou á mãe. Mettia-me a um canto, e só me passava o amuo quando a via chamar-me com os braços estendidos.

—E' porque tambem és mãe d'elles, senão não lhes davas beijos, dizia-lhe, com a minha logica de creança mimada e ciumenta.

Uma noite, recorde-me tão bem como se ainda estivesse deitado na minha caminha coberta de cortinados da Persia com florinhas azues, minha mãe que me suppunha a dormir, lia a meia voz uma carta á tia Aline.

Ardia o lume no fogão com subitos clarões de chammás. O abatjour do candieiro estava muito descaído, envolvendo o quarto d'uma grande tranquillidade de sombra. E, em certos pontos da carta, uma nojenta carta de cocotte que por acaso lhe viera ás mãos, a pobre senhora soluçava, tinha ais de desespero, amarrotava, retorcia entre os dedos aquelle pedaço de papel a rescender um mofa de héliotrope.

—Chegar á isto, balbuciava minha mãe, que miseravel! E eu que tanto o amava, que teia d'uma vida por elle, a mãe do seu unico filho... Aline, já estou cansada, já não posso mais, quero ir-me embora contig, com o meu filho: para muito longe... O que faria eu, para ser tão desgraçada!

E a tia Aline, que lhe tomara as mãos nas suas, mordida os beiços para não chorar, fazia esforços para a apasiguar, para socegar aquella alma martyrisada, a gotejar dôres, abraçava-a com ternura, e exclamava, sem saber já o que havia de dizer:

—Não te apquentes, peço-t'o, minha querida... todos os homens são a mesma coisa, tu bem o sabes, e o teu marido é como os outros... Queima depressa essa maldita carta e socega, socega, por minha causa e por causa d'elle.

E apontava para a caminha onde eu estava muito quieto, a fingir que dormia. Senti então a horrerosa angustia de que ella não era só minha, que não me amava a mim unicamente, absolutamente, como eu desejava ser amado, que d'um momento para o outro me podia deixar e que ficaria sózinho n'este mundo, sem meiguices, sem ternura, sem mimos.

E tremia de medo como se visse um grande buraco negro, para onde mãos invisiveis me empurrassem.

Tomado d'um subito accesso de colera, porque eu estava desesperado, sentia o coração mordido por ver que ella gostava tanto de meu pae que chorava aquelle ponto, que estava como doída, não sabia eu porque, levanto-me d'um salto, e, na ancia de a reconquistar, de a consolar, gritei-lhe:

—Mas eu gosto muito de ti, mamãzinha, muito, muito!

E ambas se precipitaram para a minha cama, e minha mãe apertava-me tanto nos braços que lhe sentia o bater do coração e as lagrimas, que lhe caiam uma a uma sobre os meus cabellos; mas aquellas, quero crê-lo eram lagrimas de alegria!

Rend Mraizeoy.

ALLUCINAÇÃO

A BENTO GUIMARÃES

Nas noites d'insomnia, nos meus devaneios Nos doces enleios d'est'alma que sonha Eu vejo que passa airosa e ligeira Gentil feliziteira alegre e risonha...

Nas longas roupagens de casta brancura Tão candida e pura qual luz d'um crystal, Parece uma estatua, uma luz vaporosa Visão luminosa d'um sonho ideal...

E tento lançar-me no vago infinito —Que sonho maldicto!— Atraz da visñol... Desfeito o encanto enleio d'est'alma —Martyriosem palma!— Só vejo a soidão!

Acordo. E, na sombra ao longe uma a uma Nas ondas de espuma, eu vejo a sorrir A loira creança olhando radiosa. A estrada formosa do nosso porvir...

Adriano Strecht de Vasconcellos.

Uma historia de amor

I

A «Aldeia da Matta» é um pequeno agglomerado de habitações rusticas, onde apenas se destacam duas ou tres construcções modernas, confortaveis, apalaçadas.

Não tem historia nem brazões esta pobre terra; mas em compensação não falta em cada casebre uma fogueira que aquenta toda uma familia durante as longas noites de inverno, um varal de chouriços ao fumeiro com dois presuntos ao lado, uma quartola na adega (deixem-nos assim denominar o lugar escuro onde collocam esse objecto, ás vezes quasi microscopio que recolhe e cose o sumo de alguns cestos de uvas) uns alqueires de castanhas apalhadas no *corrado* para os magustos do Natal, as quaes n'essas noites se comprazem de ouvir estalar, arremessando, como granadas, para cima dos circumstantes a metralha terrivel de borralho quente e

carvões accesos; os colleiros repletos, a vida sem exigencias fazem que n'esta pacifica aldeola se goze uma suave paz de espirito, um bem-estar verdadeiramente patriarchaes.

Situada nas proximidades de uma grande matta, d'onde lhe veio a denominação, esta aldeia apenas é notavel (se d'aquillo pode provir alguma notabilidade) por ter sido o theatro da historia que temos de descrever.

N'um dos extremos da povoação, vê-se edificada uma casa de architectura simples mas elegante, sombreada por frondosissimos castanheiros, sobreiros e diferentes arvores e plantas vigorosas.

Um individuo que na terra era conhecido por —Senhor Morgado— depois de ter consumido uma longa série de annos em Coimbra sem outro resultado mais pratico que barquear no Mondego e suspirar no Choupal com as amantes, lembrou-se um dia de casar, trocando a turbolencia da cidade pela quietação feliz do seu velho solar que havia poucos annos herdara de seu pai, um velhote do tempo dos francezes, severo, rispido e ambicioso, era quem agora o habitava, depois de grandes reparações, que n'elle fez, com sua mulher— um exemplo de bondade e dedicação, um filho de 9 ou 10 annos, muito travesso e uma cunhada, menina de uns 19 annos, gentilissima, apesar da sua côr um pouco morena, ha pouco sahida do collegio.

Chamava-se Aurora e ousou affirmar que em graças e encantos excedia a mais formosa *aurora* ainda que fosse *boreal*.

O sol, despontando limpido n'um céu azul, por detraz dos cerros visinhos da aldeia, não espalha sobre a terra fulgores vividos que os que dimanam dos negros olhos da incomparavel Aurora.

II

A vida no campo tem prazeres e encantos inexcitaveis e Aurora comprehendia-o bem. Com effeito, é agradável acordar, na primavera de manhã cedo ao canto do lavrador que incita a sua junta de bois, ouvindo ao mesmo tempo ranger a charrua melancolicamente; agrada nos o concerto matinal das aves que despertam, o zumbido das avelhas, em torno das flores do nosso canteiro, o trilo mavioso do rouxinol escondido no salgueiral; formosissimo o romper da manhã que nos envia logo sem cerimonia um esplendente raio de sol pela janella do nosso quarto dentro, encantadora, essa hora do crepusculo tão propicia aos espiritos scismadores...

Uma noite de luar claro que de encantos não tem!...

Aurora achava a vida deliciosa na aldeia; um desgosto, porém, a magoava: era estar em casa do cunhado que não cessava de a importunar com o offercimento da mão de seu filho «lá para o diante» como elle dizia quando o filho fosse *homem*... Apesar de tomar aquillo por brincadeira, Aurora não gostava da insistencia do cunhado que ella sabia «ser caprichoso em fazer vingar uma ideia sua.» A não ser isto, que afinal nada valia, os dias decorriam placidamente e com muito agrado para Aurora.

Um dia, acabava de amanhecer, appareceu ella a uma das janellas para aspirar largamente os effluvios matinaes e o ar fresco que lhe batia em cheio o rosto formoso. Trazia um penteador branco, rendado e sobre ella, dispersa em soberbas madeixas de azeviche, que lhe tombavam da cabeça airosa como festões de madre-silvas, a sua opulenta cabelleira, fina, perfumada...

N'essa occasião, com os cotovelos apoiados no peitoril da janella e o rosto encostado a uma das mãos, parecia mergulhada em profunda meditação. Passado algum tempo levantou a cabeça e espraçou a vista pelos campos fóra.

Um mancho de estatura regular, physionomia sympathica e atrahente passava precisamente n'este momento em frente da janella de aurora: viu-a e ficou como fascinado por aquella apparição celestial.

Entre os dois cruzou-se um olhar que dizia mais que a mais significativa declaração, pois foi o bastante para se comprehenderem.

(Conclue).

A. N.

ANNUNCIOS

LA BORDADORA

La Empresa de «La Bordadora» de Barcelona, periódico de Dibujos y Labores de señora, acaba de publicar un precioso Album de abecedarios, cifras y otros caprichos, todo propio para bordar, haciéndole recomendable su perfeccion y elegancia en las letras.

Su Administracion.—Escudillers, 55, Barcelona.

VIOLETAS

Está no prelo este livro de sonetos de Manoel de Moura. O seu custo é de 400 réis. Pedidos á administração da «Gazeta Moderna».

EL SIGLO

Jornal de modas e orgão dos grandes armazens d'este mesmo titulo.

Publica-se em Barcelona nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Assignatura em Hespanha e Portugal por semestre 4 pesetas, e por anno 7, 50.

PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

FERREIRA & IRMÃO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burggraave, sedlitz Chanteand e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabelo, copos de quassia. Extracto de carne de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em em estojos para preço desde 3\$000 a 30\$000, podendo modicar se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias molestias d'olhos, e para extrahir os dentes. Forceps, especulns variados, aparelhos d'Esmarch, machinas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injeções subcutaneas, thermometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos vasioes. Aparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e creanças: ditas sem mola especiaes para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditos e fundas para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os ô mesmos. Meias elasticas de linho, algodão e seda, compé e sem pé até ao joelho, cxa e verilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escudos e esferas para fonticulos; urinoes de diversas formas; bonets para gelo, passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeções e clysteros, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Puerisadores para pós e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinceis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de fórmulas muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 1 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, areometros, alcoometros, densimetros pesa-mostos, baremetros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, balões tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Franco em Belem

Precioso alimento reparador, excellente tonico reconstituente; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradável e utilissima para falta de appetite, doenças de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidadade.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Império do Brazil. É muito util na convalescencia de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem e nas principaes pharmacias.

CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensalado e approvado nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vende-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.

NOVO ALMANACH PORTUENSE

PARA 1888

Director—Proprietario—DANIEL D'ABREU JUNIOR

Um volume nitidamente impresso, em bom papel, contendo magnificas produções litterarias de Camillo Castello Branco, dr. Alves Mendes, D. Clorinda de Macedo, J. Ignacio de Araujo, D. Guiomar Torrezão, E. A. Vidal, D. Adelaide Sophia de Souza Bacellar, Julio Cesar Machado Manuel de Moura, D. Francisca de Bacellar, dr. João de Deus, F. Gomes d'Amorim, D. Alice Moderno, dr. Mallo Freitas, Antonio de Azevedo Castello Branco, F. Fernandes da Costa, Alberto Pimentel, Alexandre da Conceição, Gomes de Souza Junior, Manuel del Palacio, Mariano Froes, Moraes Carvalho, Alvaro Mendes, Anthero do Quentalal, Gvão de Mello e outros; charadas, logogrifhos, etc., além das tabellas do costume e d'uma desenvolvida secção d'annuncios.

Illustrado com os retratos de Camillo Castello Branco, João de Andrade Corvo, Theophilo Braga, Ramalhão Ortigão, Antonio Rodrigues Sampaio, Gonçalves Crespo, V. d'Almeida Garrett e actor Taborada.

PREÇO 100 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do Porto, provincias e ilhas. Em Lisboa em casa do snr. F. Nunes Collares, rua da Atalaya, 18.

A empreza offerece aos revendedores a comissão de 25 por cento.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á redacção e deposito geral.

Rua do Loureiro, 58—PORTO

DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 réis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 1\$000, 1\$200, 1\$500, 1\$800, 2\$000 e 3\$800 a garrafa

MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO

Douro Clarete, 160 réis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sobremeza.....	(garrafa) réis	220
Douro, sobremeza, secco.....	»	200
Douro, meza, claro.....	»	160
Douro, meza, secco.....	»	140
Douro, natural.....	»	100
Vinho alimentar.....	»	80
Minho clarete.....	»	80

PREÇO SEM GARRAFA

237—Rua de Sá da Bandeira—239

Adubo mineral, agricola e anti-phyloxerico

Este adubo tem grande riqueza em carbone, cal, soda, potassa e aluminio, acompanhada de piritas, as quaes tem a propriedade de decompor-se na humidade, formando o sulphureto de carbone natural, sufficientemente conhecido, como remedio anti-phyloxerico, tendo além d'isso a propriedade de ser um adubo agricola, desenvolvendo admiravelmente as videiras em especial e em geral todas as plantas. Deposito geral, rua Nova de S. Domingos n.º 105.

INDEPENDENCIA

PODER JUDICIAL

Com apreciação dos pontos correlativos da proposta de organisação judiciaria, apresentada em sessão da camara dos snrs. deputados de 9 de julho de 1887

UM MAGISTRADO

PREÇO 200 REIS

«Livraria Archivo Juridico», de A. G. Vieira Paiva, editor, rua do Bomjardim, 67, Porto.

AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

MAYA & C.ª

GERENTE

José Antonio Pereira Maya

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitães.

Compra e venda de predios, e de papeis de credito; emprestimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto.

Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, agravos, e recursos de revista, e de todas as acções commerciaes, civis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forense e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.